



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

BRASÍLIA, DF, 30 DE ABRIL DE 1999

A participação do Presidente da República nesta cerimônia é um daqueles casos em que a observância do protocolo não é mera tradição formal, mas tem um conteúdo político e um significado ético: o da valorização da idéia e das instituições do serviço público.

O Itamaraty representa à perfeição essa idéia. Vocês, que hoje se formam pelo Instituto Rio Branco, estão ingressando em uma instituição que se identifica com a nossa melhor vocação de trabalho pelos interesses nacionais e pelo bem comum. Uma instituição que, geração após geração, vem dedicando esforços contínuos à tarefa de responder aos desafios que se apresentam ao Brasil no cenário internacional.

O testemunho pessoal do Ministro Lampreia nos revela precisamente o substrato humano desse compromisso institucional que atravessa diferentes governos e diferentes ideologias.

O Ministro Lampreia nos adverte também para a necessidade de realismo e sentido histórico na atuação da diplomacia, um realismo que se opõe à ingenuidade, mas que não exclui a utopia, e um sentido histórico que exige a abertura às transformações, mas que não exclui a continuidade na afirmação de nossa autonomia como país.

Essas duas preocupações são essenciais para a compreensão da posição do Brasil em um cenário internacional extremamente complexo e que se transforma em ritmo sem precedentes.

Um cenário internacional que nos coloca diante de novas interrogações, tanto na economia como na política.

Aos jovens diplomatas que hoje iniciam a sua vida profissional, não faltarão problemas a desafiar a capacidade de análise e de formulação de políticas.

Como organizar o sistema financeiro internacional para assegurar a sua estabilidade e prevenir ou minimizar a ocorrência de crises?

Como garantir que os fluxos financeiros internacionais funcionem como fator de promoção do desenvolvimento e não como fonte de turbulências que afetam a própria tessitura da economia internacional e que trazem prejuízos a todos, desenvolvidos ou em desenvolvimento?

Como avançar no sentido de uma liberalização equilibrada do comércio mundial, que leve em conta a necessidade de maior simetria e maior justiça nas trocas internacionais e a importância de contar com mecanismos de proteção às economias mais vulneráveis?

Que tipo de ordem econômica internacional é necessário para que a liberdade dos negócios resulte em uma redução progressiva das desigualdades?

Como aprofundar e fortalecer o Mercosul?

Como alcançar o equilíbrio necessário na integração hemisférica e no relacionamento com outras regiões, como a União Européia?

Como revitalizar o sistema de segurança coletiva para que ganhe legitimidade e para que seja eficaz na manutenção da paz?

Qual é o caminho para criar espaços de legitimidade nos quais o diálogo e a ponderação se substituam às vontades hegemônicas e às soluções de poder?

Como dar vida aos propósitos inovadores das conferências globais das Nações Unidas sobre temas cruciais como os direitos humanos, a proteção do meio ambiente, o desenvolvimento social ou os direitos das mulheres?

Essas perguntas são fundamentais para a articulação da política externa. Como respondê-las? Quero dar-lhes alguns elementos que, em minha experiência, resultam essenciais para a orientação dos que tomam decisões e dos que as executam.

São lições que recolhi em meus estudos e em meu trabalho em áreas ligadas à política internacional, primeiro como Senador, depois como Chanceler e agora como Presidente. São idéias que poderão ser úteis a vocês que iniciam hoje o seu trajeto na diplomacia.

1ª lição: A necessidade de clareza

Uma política externa se faz, sobretudo, com a compreensão clara dos problemas mundiais e, ao mesmo tempo, do que queremos e podemos em nossa relação com as realidades de nosso tempo.

E uma compreensão clara não é sinônimo de acumulação de informações. Sobretudo em nosso tempo, é preciso ser capaz de separar a boa informação, que nos ajuda a entender a realidade, da retórica e da propaganda, que nos ajuda a entender o que outros querem na realidade.

Nunca foi tão grande a massa de dados à disposição dos diplomatas. Nunca foi tão grande a necessidade de ser seletivo na busca da boa informação e de ser capaz de processá-la para produzir conhecimentos relevantes.

2ª lição: A necessidade de uma perspectiva brasileira

O mais importante é que sejamos capazes de olhar essas questões com olhos brasileiros, buscando identificar os espaços para a projeção de nossos interesses, conhecendo os nossos pontos fortes e as nossas vulnerabilidades.

Muito já se falou sobre os recursos de poder que os países podem mobilizar para a promoção de seus interesses no plano internacional. Mas os recursos de poder não têm utilidade se o País não está capacitado para entender onde estão os seus interesses.

Essa é a importância, se me permitem a digressão, do Instituto Rio Branco e da formação de um quadro profissional de diplomatas: é a criação contínua e o fortalecimento de uma perspectiva brasileira

nas relações internacionais. Ninguém fará isso por nós, e se não o fizermos, não estaremos prontos a responder aos desafios de nosso tempo, ou melhor: responderíamos a eles porque a ação é inevitável, mas responderíamos cegamente, de forma irresponsável.

Para responder com inteligência, é preciso dedicar-se com seriedade ao esforço de análise e de interpretação dos fatos à nossa volta e a homenagem ao Embaixador Ítalo Zappa é muito merecida precisamente porque ele foi, em sua geração, um dos exemplos mais acabados de como a lucidez e o desprendimento podem se aliar em favor do interesse nacional.

3ª lição: A necessidade de referência a valores

Nenhuma política externa racional pode se fazer em luta contra os fatos. Os fatos são duros e, quando nos chocamos com eles, o resultado tende a ser doloroso.

Mas nenhuma política externa digna pode se fazer sem a moldura de determinados valores básicos.

Não há melhor exemplo disso do que o tratamento das questões de direitos humanos no plano internacional. O Professor Antônio Augusto Cançado Trindade, paraninfo desta turma, tem-se destacado no estudo e na promoção dos mecanismos de cooperação internacional para a proteção dos direitos humanos. Como acabamos de ver na magnífica exposição com que nos brindou.

O seu trabalho, ao lado de tantos outros, ajudou a construir, para o Brasil, uma relação mais aberta, mais arejada com o interesse da comunidade internacional nessa área.

Essa relação serve como exemplo de como a nossa ação externa deve refletir os valores em que acreditamos e de como essa perspectiva ética no plano externo pode contribuir para que o Brasil seja um país melhor, mais justo, mais solidário.

4ª lição: O tempo próprio da diplomacia

Análise e interpretação exigem cautela, paciência e uma sensibilidade que é própria às coisas da diplomacia.

A diplomacia, por exemplo, tem o seu tempo próprio. As coisas se fazem, aí, em uma perspectiva de longo prazo, que vai muito além das manchetes de hoje, dos efeitos sentidos no dia de hoje ou do Governo que se encontra no poder no dia de hoje.

A diplomacia, carreira de Estado, se faz na perspectiva do Estado brasileiro.

Às vezes, é difícil entender isso. Pode ser particularmente difícil quando se está preso ao curto prazo ou quando se confunde o êxito com a visibilidade de efeitos imediatos.

5ª lição: A necessidade de equilíbrio

É sempre fácil, para qualquer governo, encontrar oportunidades para gestos espetaculares ou para manifestações de ilusória grandeza.

É sempre fácil falar de forma grandiloquente e até exaltada sobre o interesse nacional.

É mais difícil entender a complexidade das relações internacionais e das tarefas que devemos enfrentar para realizar a verdadeira grandeza do Brasil, uma grandeza que não se constrói em aventuras retóricas, mas através da solução de nossos problemas internos, através do desenvolvimento econômico e da justiça social e sempre, invariavelmente, sobre a base de um patrimônio de credibilidade que nos distingue em nossas relações com os demais países.

Nossa força decorre de nosso peso específico, mas também, e sobretudo, de nossa capacidade de convencer, de ter uma proposta de legitimidade.

A contribuição do Brasil às discussões internacionais sempre foi pautada pela ponderação, pelo equilíbrio, pela busca de soluções negociadas e pela recusa a todas as formas de imposição. Isso vem daquilo que somos: dos valores de nossa sociedade e das características de nossa inserção no mundo.

Somos um país democrático, amante da paz, sem problemas de fronteiras, com relações exemplares de cooperação com todos os países vizinhos. Temos uma tradição de respeito ao direito internacional. Somos um país voltado para o desenvolvimento e a justiça social.

Por isso, a nossa vocação é a de procurar as soluções justas, duradouras e que valorizem os princípios fundamentais da boa convivência entre as nações.

Conclusão: os desafios atuais e os objetivos do Brasil

O exame dos problemas mais prementes de nosso tempo revela a importância desses elementos: clareza na compreensão da situação; a autenticidade de uma visão brasileira; a referência aos valores fundamentais; a sensibilidade para o tempo da diplomacia; e a busca da negociação e do equilíbrio.

Vivemos, hoje, na guerra do Kosovo, embora sem envolvimento direto do Brasil, uma situação que nos preocupa gravemente, tanto por seus aspectos humanos como pelo seu impacto sobre o ordenamento político e jurídico das relações internacionais. Esse é, tipicamente, um problema que não comporta soluções simples ou absolutas.

O Brasil não pode aceitar as violações sistemáticas de direitos humanos, que nesse caso atingem níveis que evocam algumas das memórias mais tristes e mais obscuras de nosso século.

Tampouco nos satisfaz, no entanto, uma estratégia de solução baseada no uso unilateral da força, fora dos quadros de legitimidade das Nações Unidas.

De um lado e de outro dessa questão, e qualquer que venha a ser o resultado do atual conflito, o que ocorre no Kosovo terá consequências importantes para a ordem internacional.

O Brasil espera que, em breve, se alcancem espaços de negociação e diálogo que permitam uma solução que, acima de tudo, deve assegurar os direitos fundamentais de todos os kosovares e erradicar a prática intolerável da “depuração étnica”, prática que representa a negação mais absoluta dos valores de pluralismo e tolerância que constituem a base de nossa forma de vida.

No plano econômico, os desafios não são menores.

As crises da Ásia e da Rússia, bem como o seu impacto sobre o Brasil, mostraram o alto custo da volatilidade dos mercados internacionais.

Claramente, o sistema financeiro internacional precisa ser aperfeiçoado.

Mas, também aqui, é preciso evitar a tentação das soluções extremas, mesmo que elas gerem boas manchetes. Não encontraremos respostas adequadas nem no fundamentalismo do mercado nem no retorno a esquemas autárquicos, estatizantes.

É preciso trabalhar para construir um caminho intermediário e o diálogo internacional nos próximos anos terá que dar a devida atenção a essa questão. Essas considerações nos mostram o quanto é necessário, nos dias atuais, refletir sobre o mundo que queremos.

O Brasil não tem respostas para todas as perguntas, nem pretende tê-las. Acreditamos em um diálogo genuíno. Mas temos, ao mesmo tempo, a noção clara de nossas linhas de ação, de nossas prioridades.

Queremos, como assinalou o Ministro Lampreia, o desenvolvimento e essa é a nossa prioridade.

Queremos um Mercosul fortalecido e que seja, cada vez mais, uma referência para todo o mundo.

Queremos uma América do Sul próspera, integrada e democrática, em condições de diálogo ativo com as demais regiões.

Cultivamos uma preferência pelo direito internacional e consideramos que joga em nosso favor o prestígio das instituições multilaterais. Buscamos a difusão dos valores democráticos e de justiça social.

É no espírito desses objetivos que vocês, formandos do Instituto Rio Branco, se prepararam para assumir as responsabilidades do serviço público e para ajudar na formulação e na execução da política externa.

Recebam os meus parabéns e os meus desejos sinceros de que, inspirados no trabalho já realizado pelo Itamaraty, vocês possam realizar um trabalho ainda mais proveitoso para o Brasil.

O mundo se torna cada vez mais complexo e os desafios são cada vez maiores. Mas temos a compensação de que cada geração pode aspirar a ser melhor do que a anterior, aprender com os seus erros e construir sobre os seus acertos. Esse é o sentido desta cerimônia.

Boa sorte a todos vocês e muito obrigado.